





**RITA MARQUES**

Ser **Maria**

É ser **Mulher**



**Título Original:** Ser Maria é Ser Mulher

**Autora:** Rita Marques

Copyright © Rita Marques

Copyright © Editora Nova Geração

**Coordenação Editorial:** Tânia Roberto

**Edição:** Ana Margarida Caçador

**Revisão:** Beatriz Fonseca

**Coordenação de Marketing:** Iara Andrade

**Design Interior/Diagramação:** Tânia Roberto

**Design de Capa:** Catarina Branco

**Imagem de Capa:** Imagem mulher – Macrovector/Freeplik

Rosas cabelo – Freeplik

Rosas contracapa – Freeplik

**Marketeer:** Iara Andrade

**1ª Edição:** novembro de 2024

**Acabamento/Impressão:** Printalia Gráfica

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

**Depósito Legal:** 536903/24

**ISBN:** 978-989-9166-87-5



A todas as mulheres inspiradoras que continuam a cruzar-se comigo.  
Às que não têm medo de viver intensamente os amores e os desamores.  
Às que aprenderam a transformar a dor em arte.  
A todas que usam a sua força diariamente  
E às que ainda não descobriram a força que têm.

Somos todas Marias



## Prólogo



**A**s horas da madrugada eram as minhas favoritas para pôr os pensamentos em ordem. Sempre tinha sido assim. Mas, naquele momento, parecia sentir tudo de forma diferente. Com mais intensidade.

O silêncio fazia com que as ideias fluíssem com clareza e quase conseguia encontrar-me. *Quase*, porque às vezes, a minha mente ia para tão longe, divagando entre memórias e saudades, que eu acabava por me perder mais ainda.

Mas não podia continuar a pensar nisso.

Preferia desfrutar da vista fantástica da minha varanda, iluminada pelo brilho suave da lua e do céu estrelado, com a brisa do início do outono a fazer-me cócegas na nuca.

Concentrei-me nessa sensação e acendi um cigarro, pronta para desfrutar do momento de paz que tanto merecia.

Pelo menos era nisso que estava a pensar, até uma gargalhada melódica e cristalina quebrar o silêncio noturno, obrigando-me a regressar à realidade.

— Boa noite, moça.

Nem precisei de olhar para saber que era *ela*; a *mulher* que ultimamente aparecia para me acompanhar nos pensamentos tardios. O cabelo negro rodopiava-lhe à volta da cara esbelta e eu admirei-a de perfil, depois de me recompor do susto. Ela nunca dissera o seu nome e eu optara por começar a chamar-lhe Maria.

Tinha de admitir que era linda, demasiado linda para ser real. *Precisamente porque não é real*, lembrei a mim própria. E não bastava a minha vida estar um caos, agora também descobria ser esquizofrénica e alucinada. *Ótimo*. Dei mais um trago longo no cigarro e decidi que, realmente, era melhor não falar sobre aquilo com ninguém.

— Sabe, estava precisamente a pensar no quanto precisava dum momento de paz. E de silêncio — sussurrei-lhe.

— Não estou aqui para tirar a tua paz, moça — sorriu, a boca vermelha a assemelhar-se a uma pintura perfeita. — Sei muito bem no que estavas a pensar. E, se deixares de sentir esse medo e de achares que estás a ficar maluca, talvez seja precisamente paz o que vais encontrar.

Acendi outro cigarro e foquei-me nas luzes da cidade, ao longe. Fechei os olhos por um momento, respirei fundo e... talvez estivesse mesmo a ficar maluca, porque conseguia sentir a calma a apoderar-se do meu peito e, depois, do resto do corpo.

Olhei para a minha nova *amiga*, sentada ao meu lado, o vestido preto a refletir o brilho na lua. A expressão dela era indecifrável e eu tinha a sensação de que ela sabia muito mais do que partilhava comigo.

— Há duas semanas que me aparece aqui quase todos os dias, manda umas «postas ao ar» e desaparece. Quando é que me vai explicar porquê?

A gargalhada dela voltou a explodir, uma mistura de alegria e divertimento com mistério e ousadia.

— Mandar «postas ao ar» é uma expressão muito engraçada. Não se usava no meu tempo.

— E que tempo seria esse? — perguntei, a voz a sair-me num fio.

— Não queiras ter todas as respostas, moça. Ninguém tem. — Colocou-me uma mão no peito e surpreendi-me ao perceber que conseguia, de facto, *senti-la*. — Aquilo que precisas de saber já está aqui dentro. Tudo o que precisas de fazer agora é aprender a escutar. Não tens nada a temer.

Apercebi-me então de que não tinha medo dela. Por mais estranha e até disparatada que fosse aquela situação, e ainda que, por vezes, achasse estar a enlouquecer, a sua presença não me assustava.

Preparava-me para lhe responder, mas as palavras morreram-me na garganta. Desaparecera tão depressa como tinha aparecido, deixando-me novamente sozinha na varanda, acompanhada apenas pelo rodopiar do vento e do cheiro delicado a rosas que deixava sempre para trás.

Até à próxima, Maria.

## Capítulo Um



**E**u nunca acreditei no destino. Nem em coincidências. Também não acreditava ser capaz de me apaixonar, até ao dia em que percebi que o amor me apanhara nas suas teias e fizera estragos. Do meu coração restavam míseros pedacinhos e eu não sabia como poderia salvá-los.

Foi também nesse dia que descobri que a vida arranjava sempre maneira de nos surpreender; bastara um segundo para que todas as minhas certezas se desmoronassem em frente aos meus olhos.

Tinha a sensação de que o amor era apenas uma *coisinha* matreira e sufocante, que nos colocava à prova uma e outra vez e nos afastava de quem costumávamos ser. Eu não voltaria a confiar num sentimento que me destruíra.

A voz do meu chefe trouxe-me de volta à realidade e deixei que os pensamentos se desvanecessem.

— Vitória, importas-te de rever estes projetos e preparares a apresentação? — Passou-me me três pastas lacradas para as mãos. — Vou estar em reuniões durante os próximos dias e preciso de delegar tarefas. Podes continuar mais tarde a tratar dos *press releases*.

— Sim. Claro, Lourenço — respondi, a tentar assimilar as suas ordens.

Ele afastou-se com um aceno e, enquanto o observava a caminhar, dei por mim a pensar que a minha vida podia, de facto, estar muito pior, se me tivesse apaixonado pelo meu chefe.

Continuava a ser um homem atraente e bem parecido, embora já estivesse perto dos cinquenta anos, mas era também um homem casado e pai de dois filhos. Além disso, era conhecido na empresa pelos seus humores instáveis.

O pensamento disparatado fez-me rir, pela primeira vez naquele dia, e voltei a atenção para as pastas que tinha em mãos, com projetos de publicidade que iriam para o ar nas próximas semanas.

À minha volta, continuava a agitação normal de um dia de trabalho numa agência publicitária — passos acelerados, conversas paralelas, telefones a tocar, o *tap tap tap* frenético dos teclados.

A minha mente parecia registar tudo, sem conseguir concentrar-se em

nada. Eu permanecia presa a suposições e a dúvidas, com as palavras da Maria ainda presentes, como se tivesse acabado de a ouvir.

Abri o *Google* e comecei a pesquisar sobre... *ver fantasmas*.

*“Para a ciência, ver e ouvir fantasmas não tem nada de sobrenatural: tudo é criado pelo cérebro.”*

— Oh, ótimo. O meu cérebro sempre gostou de me pregar partidas. Não trabalharia com publicidade, se não fosse uma pessoa dotada de imaginação fértil — resmunguei num murmúrio, para que os meus colegas não me ouvissem.

Continuei a fazer *scroll*, distraída com a quantidade de informação disparatada que existia na *internet*. Se calhar, pesquisar sobre fantasmas conseguia ser pior do que pesquisar sobre a dor de cabeça que estávamos a sentir e descobrir um hipotético cancro. Nada do que líamos iria ajudar-nos a encontrar respostas verídicas.

*Mas o que é que me deu para estar a pesquisar sobre isto no trabalho?*

Fechei as páginas todas e apaguei o histórico, voltando a minha atenção para as pastas que o Lourenço deixara.

— Vitória? Vitória! — A Diana, diretora criativa, estava a estalar os dedos à minha frente. — Estou a chamar-te há mais de cinco minutos.

Forcei-me a sair do transe e pisquei os olhos até conseguir ver-lhe nitidamente os caracóis loiros a balançar.

— Desculpa. Estou um bocadinho no mundo da lua, hoje.

— Hoje e todos os dias, na verdade. Acho que já faz parte do teu charme.

— Ela sorriu-me e eu tentei sorrir de volta.

— Certo... sabes como é, imaginação fértil constantemente a trabalhar.

— Ainda bem que estás inspirada. Vou assumir agora uma reunião com uma empresa de café. O Lourenço diz que é quase certo que vão assinar a publicidade exclusivamente connosco, mas não me vai perdoar se os deixar fugir e eu gostava que tu estivesse presente. Duas cabeças pensam melhor do que uma.

— Claro que sim! Preciso mesmo de um projeto novo para me voltar a focar.

— Ótimo! Vamos tomar um café e já te dou um *briefing* com todas as informações de que precisas.



Uma reunião e duas horas mais tarde, estava pronta para encerrar o dia e deitar-me no sofá com uma taça de vinho. *Ou com a garrafa inteira.*

Mas, mal abri a porta do meu apartamento, percebi que teria de mudar os planos. O cheiro a comida a assar no forno alastrou-se pelos meus sentidos e a Matilde, uma das minhas amigas mais próximas, contornou a ilha marmoreada da cozinha para me receber, estendendo-me um copo com vinho.

— Pela Deusa, que susto! Lembra-me porque é que te dei a chave! — resmunguei, apesar de aquelas intrusões serem frequentes.

— Olá para ti também. — Deu-me um abraço rápido. — Deste-me a chave porque não queres morrer aqui sozinha e ser encontrada quando já fores um cadáver em decomposição.

— Teria piada se não fosse trágico.

— Não vais reclamar quando provares o jantar maravilhoso que te preparei. — Piscou-me o olho, de forma cúmplice. — E a seguir, vamos sair!

— Sair a meio da semana?! Como quando tínhamos vinte anos?! — A voz saiu-me aguda, denotando o choque.

— Há muito tempo que não nos divertimos como merecemos — disse, enquanto retirava a assadeira do forno.

Preparava-me para argumentar, mas fui agradavelmente distraída pelo aspeto delicioso do bacalhau com natas, quando a Matilde começou a colocá-lo em dois pratos. Dei um gole no vinho e o meu estômago ronronou em apreço. Soube imediatamente que tinha perdido aquela batalha.

— Não tens saudades das *noites míticas* que costumávamos ter? — instigou.

— Tenho mais saudades do que consigo dizer por palavras — confessei.

A animação começou a borbulhar-me no peito. Recordações das nossas *noites míticas* enquanto estudantes passaram pela minha mente, o barulho dos copos de *shot* a tilintar sempre que inventávamos um novo motivo para brindar. Foi o suficiente para me fazer concordar com aquele plano maluco.

— Muito bem, vamos sair! — exclamei, depois de levar uma garfada à boca.

Poderia preocupar-me com as consequências no dia seguinte. Afinal, um bocadinho de diversão nunca matou ninguém.



## Capítulo Dois



**E**ra nestes momentos que eu percebia que tomara a decisão certa ao trocar as minhas paredes claustrofóbicas por uma festa: na casa de banho mal iluminada do bar, o reflexo distorcido do meu rosto foi o suficiente para me fazer rir até às lágrimas.

— Acabaram as caipirinhas para a nossa mesa. — A Matilde olhou-me de esguelha, sem evitar rir-se também.

Duas miúdas com cara de enjoo entraram nesse preciso momento na casa de banho.

— Não sei qual é a piada que as pessoas encontram nestes sítios. A música está tão alta que nem consigo ouvir os meus próprios pensamentos — queixou-se uma delas, como se estivesse a sofrer.

— Algumas pessoas não querem ouvir os próprios pensamentos, *querida* — pronunciei a última palavra a revirar os olhos, com a voz totalmente arrasada pelo álcool e saí da casa de banho com a Matilde atrás de mim, a rir-se demasiado alto.

— Acho melhor encerrarmos a noite, não te parece? — A minha amiga tentava falar por cima do barulho da música, mas calou-se ao perceber que a nossa companhia tinha planos diferentes.

Encontráramos no bar o Lucas, um dos criativos que trabalhava comigo na agência, acompanhado por um amigo, o Bruno. Acharam por bem pagar as nossas caipirinhas e nós não nos opusemos.

Estenderam-nos dois copos cheios e nós olhamos uma para a outra, com sorrisos de divertimento a brincarem nos nossos rostos.

— Só mais uma não vai fazer mal — guinchou a Matilde e não demorou a dar-me a mão e puxar-me para a pista.

Fôramos contagiadas pelas bebidas doces, pela música alegre, pela energia das pessoas que dançavam de forma animada à nossa volta, pelas memórias que começavam a misturar-se com o presente.

Duas caipirinhas depois e com o bar a ficar vazio, indicando que se aproximava a hora de fechar, eu e a Matilde decidimos ir embora.

— Fiquem mais um bocado. Vamos beber pelo menos um *shot* para a despedida. — O Bruno colocou um braço por cima dos meus ombros e falou perto do meu ouvido, para se fazer ouvir.

— Obrigada, mas fica para a próxima — forcei um sorriso e soltei-me do abraço indesejado. — Vemo-nos na agência amanhã, Lucas.

— Se eu conseguir ver alguma coisa. Ainda bem que a minha criatividade funciona melhor quando estou tocado.

A gargalhada saiu-me sem que eu a controlasse, porque nenhum de nós estava apenas «tocado». Estávamos completamente embriagados.

Sáímos para o silêncio da rua, o ar noturno e fresco a contrastar com o ambiente quente e denso do bar. Olhei para o relógio, sentindo as recordações a virem novamente à tona.

Houve uma altura em que eu saía dos bares àquela hora, com *ele* a levar-me pela mão, ambos desejosos de chegar a casa e perdermo-nos nos braços um do outro. Tudo aquilo parecia ter acontecido noutra vida.

— Foda-se, já não vou dormir quase nada — resmunguei, para disfarçar.

— Temos de admitir que vale a pena abdicar de algumas horas de sono para ter noites destas. E o rapaz era bem giro e não parou de te fazer olhinhos a noite toda. Podias dar-lhe uma oportunidade e passar o resto da noite sem dormir. — A Matilde olhou para mim com cara sugestiva.

— Não faz o meu tipo... — disse e encolhi os ombros, à espera que o assunto terminasse por ali.

— Ai, amiga, desculpa! — Estava a falar muito alto, a fazer gestos teatrais com as mãos, denotando o quão bêbada estava. — Já me tinha esquecido que o teu tipo são os *cretinos*. Se não tiverem cara de quem te vai arruinar a vida, nem vale a pena aproximarem-se.

— Diz o roto ao esfarrapado — respondi-lhe também alto demais.

As nossas gargalhadas entoaram pela rua deserta, enquanto o vento rodopiava ao nosso redor.

— Ainda bem que não está ninguém a ver-nos, ou iam pensar que somos maluquinhas! — exclamou, fazendo-me cair novamente no riso.



Demorei o dobro do tempo a chegar a casa do que tinha demorado até ao bar. Fui à cozinha buscar água, antecipando a ressaca com que iria acordar de manhã, mas, antes sequer de pegar no copo, fui interrompida.

— Essa carinha de felicidade combina muito mais contigo! — E ali estava ela. Sentada num dos bancos altos da cozinha, os caracóis compridos

iluminados pelos primeiros raios de sol que entravam pela janela, o vestido preto de cetim a esvoaçar e a boca mais vermelha do que nunca.

— Não me diga que também estive connosco no bar — resmoneei, embriagada e sem paciência.

Ela riu-se, aquela gargalhada melódica que lhe era característica e que começava a ser-me familiar.

— Naquela espelunca? Nunca. Eu gosto de frequentar lugares elegantes. Mas acho que na atualidade isso perdeu-se um pouco.

Como sempre, as suas palavras trespassaram-me, envoltas numa neblina de mistério.

— Maria, acho que não é o momento mais indicado para conversas — disse-lhe, com a voz arrastada.

— Ela levantou-se e veio até mim. Colocou-me a mão por cima do coração e, novamente, senti-me assoberbada com aquele gesto. Talvez fosse um efeito do álcool, mas, naquele momento, senti que poderia abraçá-la.

— Não vim cá para conversar muito. Só queria dizer-te que o teu lugar é lá fora. No *mundo*. A brilhar e a mostrar a toda a gente a mulher que és. *A mulher que pode ser quem ela quiser*. E não aqui, dentro destas paredes, a chorar e a cobrares-te por tudo e por nada — sorriu e começou a afastar-se. — Não te esqueças da água. Boa noite, moça.

E desapareceu. Fiquei paralisada no meio da minha cozinha, às escuras, outra vez com as emoções à flor da pele e com a cabeça às voltas, sem saber se isso se devia ao excesso de caipirinhas ou às palavras que acabara de ouvir.



## Capítulo Três



Enquanto os dias avançavam e eu me atolava em trabalho, achei ter conseguido encontrar uma solução para os meus problemas. Não podia continuar a lamuriar-me por um passado perdido; precisava de me focar naquilo que era realmente importante, no que sempre fora prioritário: a minha carreira, a minha vida e as coisas que realmente me davam prazer.

Levantava-me cedo e ia, a correr, tomar banho e arranjar-me. Ia a pé para o trabalho, evitava o trânsito e a confusão dos transportes públicos e não pensava, porque a minha única preocupação era não me atrasar. Passava o dia na empresa e não pensava, porque o meu único foco era fazer um bom trabalho. E à noite levava trabalho para casa. Não pensava e, enquanto trabalhava, também não recebia visitas da Maria.

Talvez assim a minha vida se compusesse, finalmente.

Estava focada a preparar um *press release* quando o telefone tocou e me fez saltar na cadeira. Aquela porcaria, demasiado estridente, assustava-me sempre. E ainda me assustei mais quando vi que o botão que piscava era o do gabinete do Lourenço.

— Sim? — atendi num instante.

— Vitória, anda ao meu gabinete, por favor. — E desligou.

Congelei. Curto e seco. Ele nem sequer costumava estar na empresa àquela hora.

Talvez concentrar-me tanto no trabalho não tivesse sido uma boa ideia. Talvez tivesse feito alguma asneira. Enquanto dava voltas à cabeça e pensava onde é que podia ter errado, achei melhor não deixar o chefe à espera e ir logo falar com ele.

Bati e entrei sem esperar resposta.

— Senta-te, por favor — disse, sem tirar os olhos do monitor. — Vitória, a Diana entregou-me hoje de manhã todo o projeto para a campanha da *RealCaffé*. Acabei agora de falar com o responsável e eles estão prontos para avançar. Ficaram bastante entusiasmados. A campanha está excelente. Foi uma ótima ideia juntarem-se.

Tirou finalmente os olhos do monitor, olhou para mim e sorriu.

O meu suspiro de alívio deve ter sido audível, não só para o Lourenço, mas para o prédio inteiro. Não fazia ideia que estava tão tensa, até sentir o corpo a descontraír.

Mas, se era só isto que ele tinha para me dizer, porquê chamar-me ao gabinete? E porquê chamar-me só a mim, se a Diana é que era a responsável?

Como se estivesse a ler-me os pensamentos, continuou a falar.

— Além disso, quero dar-te os parabéns por todo o trabalho que tens feito a nível de redes sociais e tudo o que é digital, além de assumires a comunicação interna e externa da empresa. Hoje em dia, fazer um bom trabalho não é suficiente. É necessário expô-lo e tu tens feito isso de forma pertinente e eficaz. Por isso, gostava de te oferecer o cargo de Diretora de Comunicação. É teu, se o aceites — sorriu-me, recostando-se na cadeira.

— Eu?! — gaguejei. — Eu, Diretora de Comunicação? — De tudo o que me passara pela cabeça, certamente, não esperara aquilo.

— Sim, tu. A menos que não queiras aceitar o cargo... A Diana disse que não havia ninguém melhor do que tu para tratar de redes sociais e lidar com a imprensa. Mas, obviamente, podes recusar, se as tuas ambições profissionais forem outras.

— Não, não, eu aceito. Claro que aceito! — Comecei a tossir, engasgada. — Desculpe, não estava nada à espera. Mas fico muito contente por confiar em mim para esta tarefa. *Hashtag* mãos à obra — brinquei.

— Além disso, — continuou a falar com um sorriso — no próximo mês completa um ano desde que chegaste à empresa.

Disfarcei o meu esgar, porque tinha-me esquecido completamente e não queria admiti-lo à frente do meu chefe.

— Gostava de te propor que passasses, a partir do próximo mês, a fazer parte dos quadros da empresa. E um aumento de dez por cento no teu ordenado, já a partir deste mês. O mundo da publicidade está cada vez mais competitivo, não me posso arriscar perder uma das minhas melhores contratações dos últimos tempos. Está aqui o contrato para assinares, se estiveres interessada. — Fez deslizar os papéis pela secretária polida.

Sentia-me colada à cadeira, embasbacada, as emoções a passarem por mim em catadupa.

— Desculpe, eu não estava mesmo à espera — pigarreei, recompondo-me. — Claro que estou interessada. Trabalhar aqui tem sido a melhor parte da minha vida.

O Lourenço sorriu e a seguir recostou-se na cadeira e olhou para mim com atenção.

— Fico claramente muito satisfeito com isso, Vitória. Mas o trabalho

não é, nem pode ser, tudo na vida. Principalmente quando ainda não fizemos sequer trinta anos — sorriu. — Assina o contrato para dar entrada nos Recursos Humanos ainda hoje e, a seguir, podes ir para casa. A campanha da *RealCaffè* está pronta e o resto não é assim tão urgente. Mereces uma pausa.

— Oh, não. Não, não — Ir para casa mais cedo e sem trabalho? Nem pensar. Ia deitar por água abaixo as minhas conquistas dos últimos dias.

— É uma ordem, Vitória. A Diana também tirou o resto do dia de folga. Vão dar um passeio, beber um copo, olhem, vão às compras. As mulheres não costumam dizer que ir às compras é a melhor terapia? Faz o que te apetece, mas fora daqui. Repito: a vida não é só trabalho.

Assenti desajeitadamente e assinei o contrato, pronta para ignorar aquela ordem.



Quando voltei para a minha secretária, encontrei a Diana a segurar um ramo de rosas amarelas nas mãos, com um sorriso rasgado. Entregou-mo e trocamos um abraço.

— Bom trabalho, miúda! Parabéns! — elogiou.

— Obrigada. E obrigada por me dares esta oportunidade. Tenho a certeza de que isto só aconteceu por causa da nossa campanha.

— Não, isto aconteceu porque tu és competente, esforçada e trabalhadora. A campanha que fizemos juntas foi só um acréscimo. Eu sabia que ias fazer um excelente trabalho. E sabes o que se diz por aí, mulheres empoderadas, empoderam outras mulheres. Essa história de que as mulheres são cabras umas com as outras, competitivas e tóxicas em ambiente de trabalho tem de ficar no passado.

— Não podia estar mais de acordo com isso. Somos melhores e vamos mais longe quando estamos unidas e lutamos pelo mesmo. — Era algo em que eu acreditava mesmo e ficava contente por me ter cruzado com alguém que partilhava a minha opinião.

— Desde que vieste para cá estagiar que eu sabia que ias brilhar aqui dentro.

— Meu Deus, isso foi há tanto tempo e já aconteceu tanta coisa, que poderia ter sido noutra vida.

Tinha feito um estágio curricular no último semestre da licenciatura, quando ainda nem sabia muito bem aquilo que queria. Tirei uma pós-graduação logo de seguida, trabalhei noutra agência de publicidade como rececionista,

passei por várias lojas de roupa e acessórios... até que, há um ano, vi que a agência tinha vagas disponíveis.

— Olha, o Lourenço deu-me o resto do dia de folga e disse que ia fazer o mesmo contigo. O que achas de irmos tomar um café e conversar fora daqui?

— perguntou e eu nem precisei de pensar duas vezes.

— Acho ótimo! Não me está a apetecer nada ir para casa — confessei.

— Vamos no meu carro! Conheço um sítio perfeito.

## Capítulo Quatro



**A** Diana levava-me a um restaurante de tapas, com uma decoração rústica e aconchegante que fizera com que me sentisse imediatamente em casa.

Optámos por jantar lá e, depois de algumas canecas de sangria, a conversa fluía facilmente.

Voltei para casa com a sensação de que, finalmente, ia ficar tudo bem.

A Diana tinha-se oferecido para me levar a casa, mas o bar ficava apenas a dez minutos e eu achei que me faria bem caminhar e apanhar ar.

Pelo caminho, aproveitei para fazer uma videochamada com a minha mãe, contar-lhe as boas notícias e pedir-lhe para me vir fazer uma visita em breve.

— Prometo que vou da próxima vez que eu e o teu pai tivermos um fim de semana livre. Estou tão orgulhosa de ti. — Tinha os olhos a brilhar e a minha vontade de a abraçar só aumentava.

Morar a quilómetros de distância dos meus pais não era fácil; havia alturas em que as saudades apertavam e dava tudo para ter um abraço deles. Felizmente, mesmo à distância, eles sempre arranjam forma de se fazerem presentes.

— Vou ficar à vossa espera! Estou cheia de saudades vossas.

Quando cheguei a casa, fui recebida por escuridão e silêncio. Era a primeira vez, em semanas, que não trazia trabalho para casa. Mas também não tinha a cabeça carregada de pensamentos desnecessários, então, o balanço era positivo.

Fui para a varanda, acendi um cigarro e peguei no telemóvel. A seguir aos meus pais, havia duas pessoas na minha vida com quem eu gostava de partilhar tudo: a Matilde e a Eva.

Éramos amigas desde a universidade. Tínhamos dividido casa na altura em que estudávamos e permanecíamos unidas desde então, apesar das carreiras e das prioridades diferentes. A Matilde era arquiteta paisagista e a Eva era nutricionista.

No passado, houve outra pessoa a quem desejava contar tudo. Contudo, essa pessoa tinha decidido não continuar a fazer parte da minha vida. E eu

não podia continuar a martirizar-me. As saudades e as memórias precisavam de ficar trancadas no passado; era lá que pertenciam.

Iniciei a videochamada no nosso grupo do *WhatsApp*.

A Matilde foi a primeira a atender, como sempre.

— Tens boas notícias ou queres partilhar um drama connosco? — perguntou, sem me deixar sequer dizer olá.

Realmente, era para isso que servia aquele grupo. Maioritariamente dramas. E *memes*, muitos *memes*.

Entretanto, a Eva juntou-se à conversa e contei a novidade às duas.

— Estou mesmo feliz! Acho que nem preciso de dizer, porque nota-se na minha cara — comentei, sem disfarçar o meu sorriso.

— Fico muito feliz por ti, amiga! — Os olhos da Eva brilhavam.

— Estava na hora de acontecerem coisas boas. Parabéns! — A voz da Matilde era, como habitual, pura excitação. — Agora já podemos marcar um jantar para celebrar e pôr a conversa em dia, certo? Porque nas últimas semanas só trabalhaste e ninguém te viu. Temos de atualizar os dramas!

A Matilde sempre fora a mais festeira, era óbvio que ela iria querer celebrar e eu não me iria opor.

— É verdade, temos algumas fofocas atrasadas — concordou a Eva.

— *Okay*, malta, não discordo. Marquem um jantar quando quiserem, onde quiserem!

— Amanhã à noite, em minha casa. A Eva trata da comida. Eu trato das bebidas. Vitória, tu tratas de arranjar entradas grátis para onde quer que seja que nos apeteça ir a seguir.

Ri-me. Era bom saber que algumas coisas não mudavam.

— Podemos encomendar comida, meninas — sugeri.

— Não, não, eu cozinho. — A Eva oferecia-se sempre. Era a única das três que verdadeiramente gostava de cozinhar. Foi graças a ela que não nos alimentamos exclusivamente de *fast food* e porcarias semelhantes durante os anos em que dividimos casa.

— Então, está combinado! — De repente, o sorriso da Matilde alargou-se mais. — *Chicas*, sabem o quanto vos adoro, mas acabei de dar um *match* no *Tinder*. Falamos amanhã. Apareçam às 20h.

— Matilde, eu não acredito que continuas a perder tempo nessa *app* — comecei a resmungar, embora não conseguisse evitar uma gargalhada.

— Não é perder tempo e vocês também deviam instalar. Mas tratamos disso amanhã. — E desligou sem se despedir.

Eu e a Eva continuámos a rir.

— Na verdade, ela não está errada, sabes? — A Eva parecia pensativa.

— Temos vinte e oito anos e continuamos solteiras. Quem sabe uma *app* de encontros não resolve o problema?

Parei para acender outro cigarro.

Na verdade, elas estavam solteiras.

Eu? Estava solteira, sim, mas, emocionalmente, continuava sem saber onde me encontrava. A tentar superar algo que não sabia, sequer, que nome lhe poderia dar.

Estar solteira e ter vontade de conhecer alguém eram, na realidade, coisas muito diferentes.

Forcei-me a sorrir, juntamente com a Eva.

Não ia permitir que aqueles pensamentos voltassem.

— Bem, eu acho que continuar solteira não é um problema. Mas podemos falar sobre isso amanhã à noite — brinquei, numa óbvia tentativa de desviar o assunto.

— Lembra-te que só te quero ver feliz. Vemo-nos amanhã, então. Parabéns, mais uma vez!

— Obrigada, amiga. Por tudo.

A Matilde e a Eva eram as únicas que sabiam tudo o que me tinha acontecido. E, honestamente, acho que nunca teria conseguido sobreviver se não fosse por elas.

Depois de desligar, olhei à minha volta, só para me certificar de que continuava sozinha, respirando de alívio quando vi que não tinha visitas.

Porém, no fundo, aquilo parecia-me estranho. A Maria tinha-me feito companhia durante dias a fio. De repente, deixara de aparecer.

*Estaria eu a sentir saudades das conversas que tinha com um fantasma?*

*Era possível ter saudades de um fantasma?*

*Será que ela era mesmo um fantasma?*

Os pensamentos desnecessários regressaram, mas apressei-me a abafá-los.

— Hoje não. Hoje nada me vai tirar a paz — afirmei, resoluta.

Voltei para dentro, tomei um duche rápido e enfiei-me na cama.

Coloquei um episódio de *Friends* — a minha série de conforto — e comecei a sorrir, sem necessidade de fingir.

Aquele dia fora um recomeço e eu tencionava aproveitá-lo.

